

II CURSO DE RECUPERAÇÃO EM AUDIOLOGIA

Lisboa, 8 a 16 de Outubro de 1979

Organizado pelo Centro de Audio-fonologia de Alhos Vedros e dirigido pelo seu director, Dr. António Pinho e Melo, decorreu no Laboratório Nacional de Engenharia Civil o segundo curso de recuperação em audiologia, que contou com a participação de elementos pertencentes a nada menos de onze organizações, para além dos já citados, o Centro de Análise e Processamento de Sinais, o Centro Egas Moniz (Laboratório de Estudos da Linguagem), H.S.M., o Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, o Centro de Paralisia Cerebral, o Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógica, a Divisão do Ensino Especial, O.R.L., do Hospital de S. João, O.R.L. dos Hospitais da Universidade de Coimbra e o O.R.L. do Hospital de S. José.

Durante os nove dias que durou o curso foram tratados os seguintes temas:

a) *No âmbito da neurologia várias comunicações focaram os vectores implicados na aquisição da linguagem: a maturação do sistema nervoso e processos importantes como o da dominância lateral na área da patologia, a afasia de desenvolvimento, o autismo e a dislexia. A estimulação ambiente seria o segundo vector complementar.*

Incluirei nesta alínea as comunicações em que o aparelho auditivo foi minuciosamente analisado do ponto de vista anatómico e em que se assentaram as primeiras premissas da audiologia.

b) *A audiologia no seu aspecto prático foi razão para comunicações sobre métodos audiométricos: a importante despistagem precoce da*

deficiência auditiva pelo teste acústico neo-natal, a audiometria tonal e vocal em que foi muito falado o teste fonético de Lafon, a impedanciometria. Métodos auxiliares do diagnóstico. Abordados também os temas aparelhamento e tipos de aparelhos, aspecto médico e a terapia da fala, aspecto que dirá mais respeito a uma área pedagógica.

Enquadrado neste contexto e em íntima colaboração com as duas áreas, médica e pedagógica, a fonética contribuiu com trabalhos e realizações de que se destacam as listas de palavras portuguesas utilizadas no já mencionado teste fonético de Lafon e os trabalhos de análise da linguagem ligada à percepção.

c) *Outra área focada neste curso e que recebeu várias comunicações, foi a acústica. Tratamentos acústicos do ambiente usados, por exemplo, no tratamento das salas de aula para deficientes auditivos, equipamento auxiliar de ensino (sistemas de amplificação individuais ou de grupo, para correcção da fala, etc.) foram expostos como contribuição de ordem prática. Estudos sobre análise de ruídos e análise da linguagem são investigações que decorrem hoje em dia e cuja exposição suscitou na assistência vivo interesse.*

d) *Os temas de recuperação podem ser divididos em dois grupos, tal como no programa:*

1 — *Infantil, em que foram descritas experiências pedagógicas com crianças deficientes auditivas.*

2 — *Adulto, em que foram abordados problemas de aparelhamento e de terapia de fala.*

No primeiro grupo interessou-nos a comunicação sobre a observação pluridisciplinar em que se deu conta da experiência de uma equipa e da interligação do trabalho de vários técnicos incluindo terapeuta da fala, professora especia-

lizada a funcionar, em sala de apoio, psicomotricidade, enfermeira de saúde pública.

De grande interesse também a comunicação sobre iniciação precoce à leitura e à escrita em que se expôs, com algum pormenor, o método e os exercícios utilizados ao longo de todo o processo de aprendizagem.

A par com os vários temas foram projectados filmes e diapositivos. No hall de entrada, entretanto, decorria uma exposição de material audiométrico e protético.

Foi um curso de formação e de sensibilização em que, salvo raras excepções, o tom das exposições foi académico com muito pouco diálogo e troca de experiências. De onde o termo curso.

A interdisciplinaridade da audiologia foi constatada ao longo da exposição dos trabalhos, mas não se chegou a concluir programas de trabalho e de investigação para o futuro. De onde, em minha opinião, este curso ter sido útil — mas poderia ter ido mais longe.

FRANCISCO VAZ DA SILVA

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROBLEMAS AFECTIVO/ SEXUAIS DOS DEFICIENTES — «CARING AND COUNSELING»

Universidade de Sussex, Brighton,
10 a 13 de Julho de 1979

A organização inglesa SPOD (*Sexual and Personal Relationships of the Disabled*) deverá reconhecer-se coragem pela efectivação desta Conferência Internacional que durou quatro dias (10-13 de Julho) subordinada ao tema «Caring and counseling». Nela foram abordados, quase que exaustivamente, os problemas de ordem afectivo/sexual que as diversas deficiências físicas e mentais, aliadas a preconceitos sociais obsoletos relacionados com a deficiência, podem provocar ou acelerar, conforme os casos sejam mais ou menos predispostos para os mesmos.

Participaram 300 delegados de 18 países, nomeadamente cirurgiões, psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, etc., motivados pela consciencialização da violência que é continuar na negação, explícita ou implícita, da sexualidade dos deficientes, como meio fácil mas utópico de mantê-los «sossegados» nesse e noutros aspectos, sobretudo os considerados grandes incapacitados.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América, por exemplo, apresentaram bons trabalhos sobre métodos de educação sexual para jovens deficientes mentais, já experimentalmente comprovados como eficazes para um maior desenvolvimento da maturidade e como preventivo contra exibicionismos ou outras atitudes anti-sociais. Vários deficientes intervieram com depoimentos pessoais comprovadores da importância de uma relação amorosa bem sucedida como pilar vital de outros sucessos, quando com ela se adquire a autoconfiança. Inger Nordqvist (Suécia) debruçou-se sobre casos de grandes incapacitados que nas suas próprias casas ou em instituições estão permanentemente impedidos do mínimo de privacidade, em que até a masturbação só seria possível com a ajuda de outra pessoa. Bryan Brook, B. Snow e E. Lee (Grã-Bretanha) expuseram os seus pontos de vista em como os riscos clínicos da actividade sexual para os estomizados poderão ser mínimos, ao contrário do pensar generalizado em como a auto-imagem desagradável tenderá a amenizar-se.

Bastante completa, esta Conferência terá certamente reforçado o prestígio e a razão de ser de organizações como a SPOD: desde a espinha bífida, passando pelas mais variadas deficiências, como a paraplegia, insuficiências cardíacas, a importância e as suas múltiplas causas (neurológicas e outras), a surdez, etc., até aos problemas dos não-deficientes nas suas relações com parceiros(as) deficientes, de tudo se falou com maior ou menor acuidade. Os invisuais terão ficado mal representados. É corrente certos trabalhos passarem imerecidamente despercebidos devido à intensidade dos programas.

Foi notável a contribuição de jovens como a de M. Rivlin (Grã-Bretanha) sobre a Homossexualidade e a Deficiência. B. Thriфт (Grã-Bretanha) — deficiente (esclerose em placas) —, colaborador activo na preparação da Conferência, impressionou com a narração da sua experiência pessoal, das emoções vividas ao ser pai por meio da inseminação artificial da sua mulher.

Encerrou a Conferência o sexoterapeuta R. Goodman, com a sua amostragem dos mais diversos dispositivos artificiais de ajuda mecânica para a concretização do coito.

Foi também anunciada a decisão final de que a SPOD, em colaboração com elementos de organizações de outros países, envidará esforços para que em 1981, ano escolhido pelas Nações Unidas para o Ano Internacional dos Deficientes, esteja formado um organismo internacional de apoio a todas as iniciativas que, em qualquer

parte do mundo, visem o acesso dos deficientes ao amor e ao suporte afectivo a que têm direito.

Foi bastante pertinente a apresentação de filmes como *Coming Home* (que não há muito tempo foi exibido em Lisboa sob o título de *O Regresso dos Heróis*), *The Ranging Moon*, *One Day, One Time e outros*.

Para os delegados dos países cujas culturas são dominadas por uma série infindável de tabus, a sua posição foi apenas de aprendizes, como a Grécia, Malta, Austrália, Portugal e outros. É verdade. Um subgrupo de trabalho do Corpúsculo (Grupo Dinamizador de Novas Eficiências) fez-se representar na Conferência com o apoio a título especial da SPOD e também da Spastic Society.

Também nós agora ficámos mais encorajados e mais acompanhados para a prossecução da tarefa em que nos empenhámos aqui, em Portugal, onde ainda nos ressoa aos ouvidos a frase de um técnico de reabilitação — preocupado com outros problemas «mais» prementes — que não via outra alternativa senão a de responder aos seus assistidos: «Coibam-se, coibam-se...». Será talvez lógico pôr-se a questão — Quem tem medo da sexualidade dos deficientes?

Os nossos objectivos terão que incidir na chamada de atenção da sociedade para os diversos aspectos, incluindo o aspecto sexual, que englobam um ser humano. E hoje já ninguém nega que o deficiente seja humano. Talvez amanhã também ninguém se negue a habilitá-lo e/ou a reabilitá-lo para o calor de uma relação profunda e saudável com outro humano, sempre que isso se apresente como necessário.

IRENE PEREIRA

SIMPÓSIO SOBRE MUDANÇA E PSICOLOGIA SOCIAL

Lisboa, 20-22 de Outubro de 1980

Em 20, 21 e 22 de Outubro teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, com o apoio da European Association of Experimental Psychology um Simpósio sobre «Mudança e Psicologia Social» organizado pelo GEPS (Grupo de Estudos de Psicologia Social) e com apoio de uma Comissão Científica constituída por: Adelino Gomes (Grupo de Psicologia, Universidade de Coimbra), J. Correia Jesuino (ISCTE), J. Gabriel Pereira Bastos (GEPS e Faculdade de Letras), Jorge Vala (GEPS e ISCTE), Luís

Caeiro (Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica de Lisboa), M. Benedita Monteiro (GEPS), Manuel Tavares da Silva (CEGOC e ISPA) e Orlando Gouveia Pereira (Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa).

Este Simpósio teve a participação de docentes e profissionais portugueses e estrangeiros convidados a intervir, tais como J. Correia Jesuino (ISCTE), Eurico Figueiredo (Instituto Ciências Bio-Médicas Abel Salazar, Porto), W. Doise (Universidade de Genève), M. Crozier (Universidade de Paris), J.-Ph. Leyens e M. Bonami (Universidade de Louvain), H. Tajfel (Universidade de Bristol), A. Knoke (Berlim), Helena Cidade Moura (I.O.P.) e outros.

Alguns dos principais temas abordados: a explicação em psicologia social (articulação de níveis de análise); relações intergrupos e psicologia social da mudança; análise psicossociológica de empresas em autoprodução (dinâmica de relações de poder, organização do trabalho e estratégias de formação desenvolvidas no seio destas empresas); grupos minoritários, conflito e mudança social; da necessidade da contribuição da psicologia social num espaço de interdisciplinaridade; saúde mental e mudança social.

Foram objectivos deste Simpósio a reflexão e a análise da mudança nas organizações e da mudança social no sentido da articulação desta reflexão teórica à criação de novos espaços de intervenção neste contexto, tendo os trabalhos decorrido sob as formas de comunicações (seguidas de discussão) e de ateliers. Na sessão de encerramento, J. Vala historiou a acção do GEPS e W. Doise, em nome da Associação Europeia de Psicologia Social Experimental, traçou as grandes linhas de orientação daquela instituição e anunciou as suas próximas actividades.

A assistência, bastante heterogénea na sua composição e interesses, participou de maneira assás diferenciada nos trabalhos do Simpósio. Muitos dos participantes, oriundos de meios não académicos, desejariam talvez um simpósio mais voltado para a prática e menos para os problemas metodológicos e epistemológicos. Não será mesmo exagerado dizer que muitos participantes teriam ido ali atraídos pelo tema, em busca de «receitas» para a mudança, que obviamente não foram apresentadas. A inexistência dessas «receitas» foi aliás inequivocamente sublinhada por todos os participantes na mesa sobre Kurt Lewin, que encerrou os trabalhos do Simpósio, constituída por O. Gouveia

Pereira, J. Correia Jesuino, M. Benedita Monteiro, Luís Soczka, M. Tavares da Silva e Jorge Vala, que presidiu à sessão. Tal não terá impedido, todavia, um certo desapontamento nalguns dos participantes que manifestamente teriam ido ali em busca de algo diferente.

O balanço final do Simpósio foi, apesar de tudo, francamente positivo, pela oportunidade que foi oferecida a técnicos de diversas nacionalidades de discutirem entre si os problemas de método, as divergências de perspectivas teóricas, as diferentes técnicas de abordagem de um problema central da psicologia social.

De realçar a impecável organização do Simpósio, das melhores que já nos foi dado constatar entre nós. Para tal muito contribuiu a capacidade organizativa dos membros do GEPS, nomeadamente Helena Catarro, Filipe Barroso e Branca Matos Silva, psicossociólogos dos CTT/TLP.

JOSÉ SOUSA

I CONGRESSO MUNDIAL DE TERAPIA COMPORTAMENTAL

Jerusalém, 13 a 17 de Julho de 1980

O primeiro Congresso Mundial de Terapia Comportamental realizou-se em Jerusalém, de 13 a 17 de Julho passado, em conjunção com a 10.ª Convenção Anual da Associação Europeia de Terapia Comportamental. Foi indubitavelmente a maior reunião internacional de Terapeutas Comportamentais feita até agora e o programa científico mostrou-se variado e estimulante. Estiveram presentes 1400 participantes de 25 países, tendo sido apresentadas 350 comunicações, 35 simpósios, 13 workshobs, 9 conferencistas convidados e a apresentação de cartazes, tudo isto em sessões paralelas. Entre os nomes mais conhecidos figuravam Lazarus, Wolfe, Eysenck, Ellis, Marks, Lovaas, Azrin, Liberman e Franks.

A diversidade de problemas clínicos tratados, de questões teóricas debatidas e de novas técnicas introduzidas é de tal modo vasta que se torna manifestamente impossível a sua inclusão numa breve nota como esta. Não queremos, no entanto, deixar de resumir alguns dos dados para nós mais relevantes. Assim, existem estudos controlados que mostram que a Terapia Comportamental é o tratamento de escolha em 12 % dos doentes psiquiátricos ambulatoriais e a suas indicações estão gradualmente a alargar-se à medida que as técnicas melhoram. Isto inclui nomeadamente os doentes fóbicos,

obsessivo-compulsivos e problemas sexuais e bem ainda o treino de aptidões sociais. Na gaguez e obesidade a T.C. tem valor duradouro e o campo da Medicina Comportamental está a abrir-se largamente (doentes cárdio-vasculares, d. ostoe-articulares, d. alimentares, d. gastrintestinais, cefaleias, etc.). Tem um papel importante a desempenhar no tratamento do alcoolismo, das toxicomanias e do tabagismo. No tratamento da depressão os métodos cognitivos são cada vez mais utilizados (ainda que seja criticável a tentativa feita por alguns de os apresentar como independentes da T.C.), e assiste-se a uma maior eficácia das técnicas de terapia conjugal e familiar, intervenção vocacional e escolar e reabilitação. A T.C. está cada vez mais a dar ênfase ao papel do próprio doente no manejo do seu tratamento e o terapeuta está gradualmente a ser menos activo, desempenhando acima de tudo o papel de guia e monitor do doente entre as entrevistas. Assim o que se passa entre as entrevistas, e é organizado pelo doente, é mais importante do que o que ocorre durante as entrevistas. Os métodos de auto-ajuda estão conseqüentemente a tornar-se cada vez mais importantes.

De um modo geral pode-se dizer que o balanço de vinte anos de aplicação à clínica das Teorias de Aprendizagem mostram uma progressão do tratamento de comportamentos-alvo para a intervenção familiar, no meio social e na comunidade. Nota-se uma certa impaciência dos clínicos em relação à teoria e sem dúvida que tem sido da clínica e não do laboratório que têm saído as inovações mais importantes, mas existe uma forte tendência para uma maior integração entre os dois, ainda que se reconheça não existir um corpo teórico único. O público tem tendência para ver os Terapeutas do Comportamento totalmente unidos mas de facto isto não é assim e pelo menos quatro ou cinco correntes importantes se individualizaram. Isto é particularmente verdade no que diz respeito à corrente operante. Esta corrente dá uma particular ênfase à recolha de dados, aos observadores múltiplos, etc., e por isso o seu trabalho inicial foi em instituições e escolas de modo a evitar a «contaminação» por correntes mentalísticas, podendo hoje dizer-se que não há nos E.U.A. uma única instituição para sub-normais onde não estejam implantados os seus conceitos. Passaram em seguida para os doentes em regime ambulatorio e como não tinham um ambiente estruturado, transformaram o gabinete de consulta numa «instituição», utilizando «video», gravadores, espelhos de visão uni-

lateral, etc., e hoje intervêm em problemas sociais variados desde a conservação da energia aos problemas de tráfico e à delinquência. O modelo operante parece assim afastar-se cada vez mais do modelo pavloviano mas esta questão está longe de um completo esclarecimento teórico. Talvez se possa assim fazer, com Azrin, a seguinte predição para daqui a dez anos: ou as duas correntes (operante e Terapia Comportamental) estarão completamente separadas ou a influência da operante será determinante e teremos então uma nova disciplina: as Ciências Comportamentais Aplicadas.

E, para terminar, mais uma predição e esta em relação à psicanálise, como não podia deixar de ser: daqui a dez anos tanto o público como os Serviços de Saúde estarão desinteressados da psicanálise como terapia mas haverá ainda assim alguns clientes para o divã, nomeadamente aqueles que não têm doenças ou problemas graves e têm tempo, dinheiro e... sucesso — o que se aplica sem dúvida a um número considerável de Terapeutas do Comportamento. Portanto, caro confrade, divirta-se no seu divã!

AFONSO DE ALBUQUERQUE